

Língua e Literatura Nacionais Namanocolo e eu

H e l d e r M a c e d o

APRENDI O ABC COM UM PROFESSOR NEGRO NUMA escola primária «nativa» em Moçambique. Aprendi a língua portuguesa com as vogais abertas que a África também ensinou ao Brasil. O herói mítico da minha infância foi Namanocolo, o coelho cuja astúcia ultrapassava até a da traíçoeira hiena.

Ainda em Moçambique, o primeiro poema que li era português, depressa seguido pelos poemas do poeta moçambicano Rui de Noronha, e a minha primeira ficção foi brasileira: os romances de Jorge Amado, nos quais reconheci a paisagem e as pessoas que me rodeavam. Para mim, as cenas de *Jubiabá* e de *Os Capitães da Areia* estavam a acontecer ali mesmo.

Na escola estudei os reis de Portugal, com cognomes e tudo, linhas de caminho de ferro – das quais só recordo Estrofa a Fafe pela onomatopeia casual, mas útil – e que o maior rio de Portugal era o Tejo. Depois disso, fui brincar nas docas de Incomati com o meu inseparável cão – imperialisticamente chamado Tejo –, que rosnava assustadoramente aos deliciosos crocodilos estendidos na areia.

Quando tinha doze anos fui a Portugal. Fiz o meu quinto ano em Bissau, passei algum tempo em São Tomé e regressei a Lisboa para frequentar a universidade. Simultaneamente, os meus poemas favoritos eram os brasileiros Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e foi através deles que descobri a grande originalidade poética daquele singular poeta português que é Cesário Verde.

Por outras palavras, a minha língua portuguesa é africana, brasileira e europeia. A minha «Portugalidade» inclui ser africano e brasileiro. A primeira vez que fui ao Brasil reconheci todas as minhas raízes biográficas e culturais, expressas em novas formas que me eram totalmente familiares, sem necessidade de tradução. Também descobri que as diferenças linguísticas entre o Algarve e Trás-os-Montes, por exemplo, são mai-



ores do que entre Lisboa e o Rio de Janeiro, mas bastante menores do que entre o Funchal e Coimbra, ou Luanda, ou São Luís do Maranhão, ou Maputo.

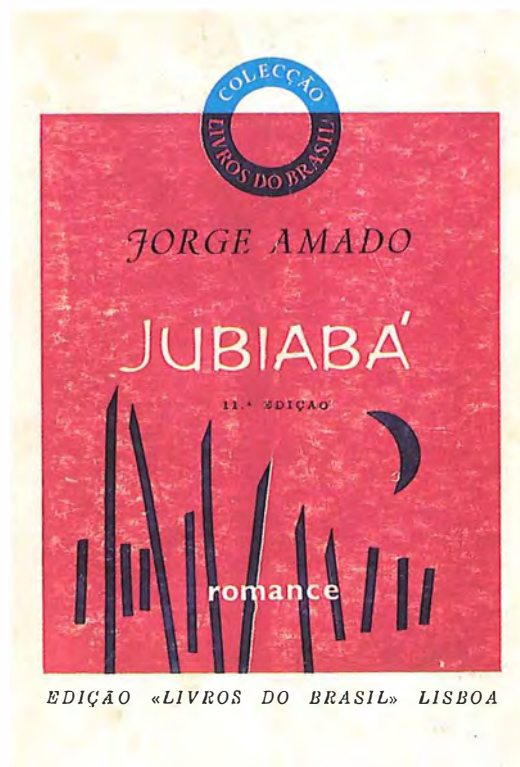
Cada escritor da língua portuguesa é uma manifestação diferente da mesma unidade linguística, por vezes apresentando mais afinidades óbvias com escritores de outros países Lusófonos do que com os seus próprios compatriotas. Escrever em português é participar de todas as culturas Lusófonas.

Isto também quer dizer que chegou o tempo de nos desembaraçarmos das ameaças colonialistas, quer causadas pelo vinho importado dos colonizadores quer pelas fortes bebidas locais dos colonizados. Camões devia pertencer à literatura de Moçambique, mesmo que não tivesse vivido ou escrito lá, porque a história de Moçambique inclui aquela parte da história de Portugal à qual Camões pertence; Machado de Assis é um romancista português porque a história de Portugal inclui, de facto, aquele Brasil que adoptou o português como a sua língua. Se não fosse este o caso, estaríamos todos mais pobres. O enriquecimento é recíproco.

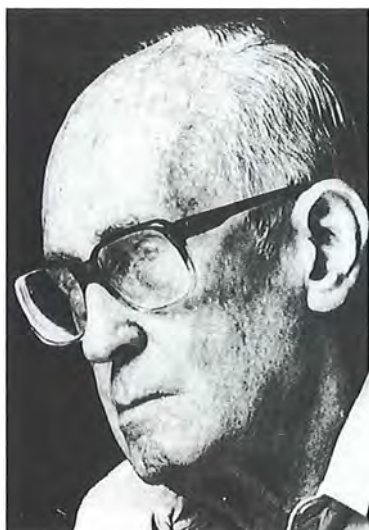
Pouco tempo depois da independência de Moçambique, um jornal que tentava agradar ao novo regime publicou a fotografia de um antipático camponês português, tirada de forma a que ele parecesse, pela má qualidade da fotografia e da impressão, vagamente atrasado, com a legenda «Eram estes os nossos colonizadores». A mensagem implícita era que o jornalista responsável pela fotografia e pela legenda teria preferido colonizadores menos andrajosos, mais ao estilo inglês, que lavasse as mãos depois de receber, com um cumprimento indiferente, um «Bom dia, patrão». O jornalista era tão branco como qualquer português pode ser e penso que agora vive em Lisboa, tentando curar-se da sua dupla ameaça colonialista. De qualquer modo, sei que não agradeu ao seus novos patrões. Lou-

vados sejam eles. Mas, como ele aparentemente precisa de patrões, foi à procura de substitutos apropriados.

Mas se os escritores precisam de patrões, de certeza que não precisam de ser ou ter chefes. Ser escritor, como Camões disse do amor, «*é um solitário andar por entre a gente*» ou talvez mesmo estar num estado de «*contentamento descontente*» como ele igualmente disse, no mesmo soneto. «*Descontentamento*» porque tentar entender as raízes da solidão de alguém é sempre difícil e doloroso, mas acabando por encontrar «*contentamento*» porque estas raízes prolongam-se pelo colectivo humano e cultural ao qual nós pertencemos. E a criatividade está enraizada na língua, a língua com que nós escrevemos. Para aqueles de nós que escrevem em português, quer sejamos africanos, brasileiros ou europeus, as



«A minha primeira ficção foi brasileira: os romances de Jorge Amado... Para mim as cenas de *Jubiabá* e de *Os Capitães da Areia* estavam a acontecer ali mesmo.»



«Os meus poetas favoritos eram os brasileiros Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, e foi através deles que descobri a grande originalidade poética daquele singular poeta português que é Cesário Verde.»

nossas raízes firmam-se na unidade diversa da língua portuguesa.

Muito já foi dito – e, do meu ponto de vista, ao mesmo tempo foram ditas demasiadas coisas e foram ditas poucas coisas – acerca dos problemas da «identidade nacional». Eu prefiro falar de identidades individuais, pois só baseando-nos nelas podemos falar em nações, culturas e línguas, nas quais se manifestam a elas próprias e incluem, simultaneamente, em si mesmas, a manifestação. Todas as línguas e todas as culturas são adquiridas. Como Monsieur de la Palisse teria dito, todos nós, antes de aprendermos a falar – ou a escrever – não sabíamos como falar ou escrever. E, de qualquer maneira, a linguagem literária é sempre adquirida e transformada, assim como todas as nações são produto de acidentes históricos, embora algumas se tenham tornado nações mais recentemente do que outras. Nações, línguas e culturas servem para os povos acharem a identidade que faz deles povos, apesar de todas as barreiras da nacionalidade, língua e cultura.

Há uma pequena história acerca de Dom Carlos de Portugal que dá uma ideia clara acerca das línguas, nacionalidades e identidades. Um dia, quando Dom Carlos fora velejar, teve problemas junto à costa do Minho e foi salvo por um pescador que falou com ele na linguagem raiana da região. O rei, querendo recompensar o seu salvador, perguntou-lhe se ele era português ou espanhol. «Bem, senhor», foi a resposta, «não sei bem. Sou um pescador».

Vou concluir voltando ao pessoal e ao circunstancial. O destino ou, mais propriamente, a sorte e a opção, levou-me a viver num país onde os nativos não falam a minha língua: sou um escritor português a viver em Inglaterra. Mas eu tenho uma vantagem em relação aos nativos: eu falo a língua deles e posso ler o que eles escrevem. No entanto, a raiz mais profunda da minha identidade – a minha língua, o meu Camões, o

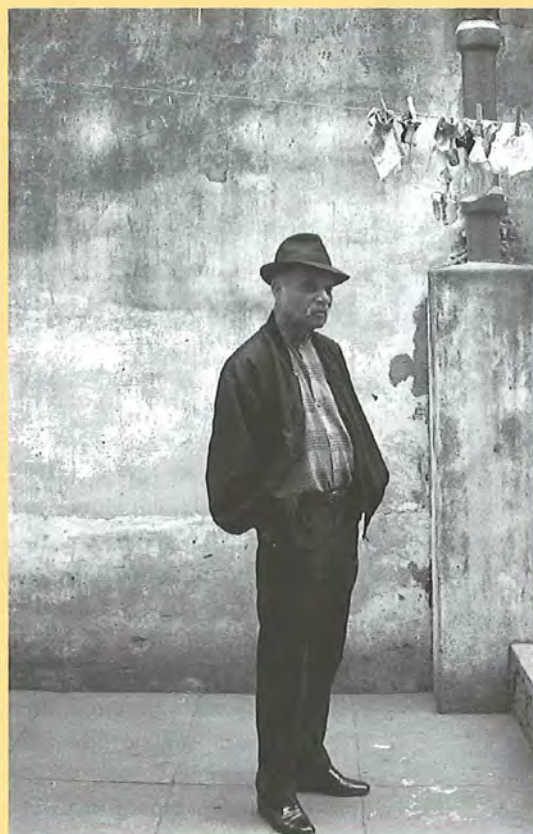
meu Machado de Assis, o meu Rui de Noronha da infância – são desconhecidos para eles e só podem ser citados em monólogos que não podem ter resposta. E como, durante muitos anos, não pude regressar a Portugal, segui o exemplo de *O Marinheiro* de Fernando Pessoa e construí mundos imaginários para substituir aquele que tinha perdido. Mas como pertença à tribo dos portugueses que deixou fragmentos no Brasil, em África, na Índia e mesmo em Portugal, prefiro que os meus mundos imaginários se concretizem mais na realidade do que na abstracção.

Tornei-me professor universitário e lecciono a cadeira de Estudos Camonianos no King's College de Londres – nenhum título me podia deixar mais honrado – e dirijo um departamento que ensina a língua e a cultura de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé, com algumas incursões a Goa, Macau e Timor. Cada uma destas culturas é vista da sua diferente perspectiva e apenas a língua «veicular» é a mesma. Os alunos por vezes perguntam-me, um pouco confusos, «Como é que o Leitor de Português diz uma coisa a propósito de um determinado período da história enquanto um Leitor de Estudos Brasileiros diz qualquer coisa diferente a propósito do mesmo período e o Leitor de Estudos Africanos diz ainda outra coisa? Qual deles está certo?» Ao que eu respondo sempre: «Todos eles estão certos, cada um na sua perspectiva». Este foi também o julgamento de Namanocolo quando foi convidado para ser juiz numa disputa entre o leão, o elefante e o leopardo. E, na altura em que os alunos acabam o curso, já não precisam de fazer a pergunta porque eles mesmos são a resposta. Foi a resposta que eu próprio encontrei, transformando o meu monólogo de expatriado num diálogo entre a minha língua e a minha cultura – portuguesa/africana/brasileira – e as outras línguas e culturas, em pé de igualdade.

Na cidade
alinhadas à margem as acácias
ao vento urbanizado agitam
o sentido carmesim das suas flores.

E um
menino com mais outros
meninos todos juntos
um dia
fecundam na síntese da rua
cidade e subúrbios
meninas e flores.

(Karingana ua Karingana)



JOÃO FRANCISCO VILHENA/INSTITUTO CAMÕES

Síntese

José Craveirinha